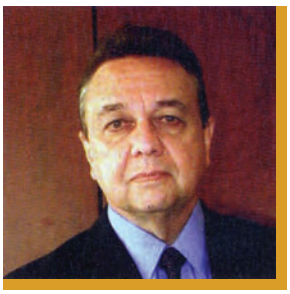
Diário de bordo

Bons ventos até quando?



Roberto Rodrigues*

A ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) anunciou que os preços globais dos alimentos subiram pelo terceiro mês consecutivo em março de 2012, basicamente por causa do aumento de preços dos óleos vegetais usados na culinária. E estes, por sua vez, foram empurrados pelos elevados preços da soja, cuja produção no Brasil, na Argentina e no Paraguai (somados) terá uma queda de mais de 25 milhões de toneladas em relação à expectativa desta safra. Por outro lado, as informações do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) são que os americanos plantarão mais milho e menos soja na próxima safra. Ainda segundo a FAO, não houve uma alta maior, porque os preços do leite caíram globalmente, enquanto açúcar e carne se mantiveram estáveis.

As exportações do agronegócio brasileiro no primeiro trimestre deste ano cresceram 8,7% em valor quando comparadas com as do ano passado. Em 2011, exportamos US$ 17,8 bilhões, e neste ano chegamos a US$ 19,4 bilhões. A soja foi a vedete deste aumento, pois suas receitas no trimestre foram mais que o dobro do valor no ano passado: foram 6,81 milhões de toneladas de grão, com o valor de US$ 3,24 bilhões, contra 3,16 milhões de toneladas no período igual do ano passado, mais de 115% maior, e o valor foi de US$ 1,6 bilhão.

Mas o mais importante desta numerologia é o saldo comercial do País todo: no trimestre, foi de US$ 2,44 bilhões, menor que o do ano passado, que foi de US$ 3,15 bilhões. Mas o superávit comercial do agronegócio deste ano foi de US$ 15 bilhões, contra US$ 13,9 bilhões de 2011, o que mostra que:

I – os demais setores foram deficitários em US$ 12,66 bilhões; e

II – o agronegócio continua sustentando o saldo comercial brasileiro, como faz há muitos anos.

Esses dados confirmam a impressionante competitividade do agro brasileiro. Com todos os conhecidos problemas de logística, de juros e impostos elevados, de poucos subsídios (inferiores apenas os da Nova Zelândia e da Austrália), com os problemas cambiais, e isso tudo somado agora à falta de mão de obra especializada, mesmo assim, seguimos ganhando mercados e crescendo em produção e exportação.

Os pequenos produtores têm um novo e relevante papel neste jogo, basicamente graças ao trabalho do cooperativismo.

As exportações das cooperativas do País apresentaram crescimento de 39,8% em 2011 na comparação com o mesmo período de 2010 (US$ 4,417 bilhões), totalizando US$ 6,175 bilhões (os valores subiram até 39,8%, mas em quantidade de produtos exportados o aumento foi de 3,6% em relação a 2010). Este foi o maior resultado alcançado desde o início da série em 2005. A participação das cooperativas na pauta total das vendas passou de 1,9%, em 2005, para de 2,4% em 2011.

O cooperativismo brasileiro vem experimentando um vigoroso processo de modernização, especialmente no setor agropecuário, em que fusões e aquisições vêm se consolidando. O número de cooperativas está diminuindo por causa disso, mas o número de cooperados cresce sem parar, especialmente por causa dos pequenos produtores atraídos pelos bons resultados do movimento.

Este crescimento não é gratuito: as cooperativas agropecuárias investiram muito em gestão, atingindo uma eficiência que as coloca na vanguarda de empresas do setor no País todo. Só as cooperativas agropecuárias do Paraná, por exemplo, estão investindo este ano R$ 1,3 bilhão, dos quais 85% na construção de frigoríficos, moinhos e silos, uma expansão extraordinária do seu parque industrial.

Todo este vasto programa de investimentos se insere na programação preparada pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) em sua visão para o século 21.

O resultado não poderia ser outro: pequenos produtores se fortaleceram com o fortalecimento das cooperativas agropecuárias, que agregam valor às matérias-primas, vão ocupando espaço no mercado externo; e o País lucra com o crescimento das exportações.

Um círculo virtuoso que vai aproveitando os bons ventos dos preços internacionais elevados, que, segundo o FMI, tendem a cair já no ano que vem, ou até antes, se a economia dos ricos se complicar mais... ■

*Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal